

DOI: <https://doi.org/10.5902/2236672597152>

## **Para Cuidar do Povo Brasileiro: Lulismo na Campanha Eleitoral de 2022**

*To Care for the Brazilian People: Lulism in the 2022 Electoral Campaign*

*Prendre Soins du Peuple Brésilien: Le Lulisme dans la Campagne Électorale de 2022*

*Para Cuidar del Pueblo Brasileño: El Lulismo en la Campaña Electoral de 2022*

 **Daniel de Mendonça**  
Universidade Federal de Pelotas

 **Bianca de Freitas Linhares**  
Universidade Federal de Pelotas

**Resumo** | A expressão “lulismo”, embora amplamente utilizada na academia, não é comumente bem recebida quando associada à ideia de populismo. Neste artigo, buscamos analisar o lulismo enquanto um tipo de populismo, na medida em que destacamos o inimigo contra o qual ele se antagoniza, além de tratarmos a construção do seu povo e de seu líder. Teoricamente, partimos de uma compreensão pós-estruturalista do populismo, fundamentada na teoria de Ernesto Laclau e na teoria do discurso, de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Para realizar a investigação, compilamos os materiais da campanha eleitoral de Lula à Presidência em 2022. Tais dados foram posteriormente tratados no software NVivo a partir da técnica de análise de discurso. Como resultados, primeiramente verificamos no significante “antidemocracia” a consolidação antagonônica ao lulismo, polo que enseja a articulação de demandas não atendidas e identificadas na liderança de Lula. Ainda constatamos “inclusão social”, “governo ‘com’ todos”, “sensibilidade e cuidado” e “democracia” como os significantes que estruturaram o discurso lulista, os sentidos do seu povo e de seu líder, negando a representação de seu antagonista.

**Palavras-chave:** antagonismo; povo; populismo; lulismo; teoria do discurso.

**Abstract:** Although the term “Lulism” is widely used in academic contexts, it is not commonly well-received when associated with the concept of populism. In this article, we seek to analyse Lulism as a form of populism, insofar as we highlight the enemy against which it positions itself antagonistically, and examine the construction of its notion of “the people” and its leader. Theoretically, we adopt a post-structuralist understanding of populism, grounded in Ernesto Laclau’s theory and the discourse theory developed by Ernesto Laclau and Chantal Mouffe. To carry out this investigation, we compiled materials from Lula’s 2022 presidential campaign. These data were subsequently processed using NVivo software through the technique of discourse analysis. As results, we firstly identified the signifier “anti-democracy” as the antagonistic consolidation to Lulism, serving as the pole around which unfulfilled demands are articulated and channelled through Lula’s leadership. Furthermore, we found “social inclusion”, “a government ‘with’ everyone”, “sensitivity and care”, and “democracy” to be the key signifiers structuring the Lulist discourse, shaping the meanings of its people and its leader, while negating the representation of its antagonist.

**Keywords:** antagonism; people; populism, Lulism, discourse theory.

**Résumé:** Bien que le terme « lulisme » soit largement utilisé dans le milieu universitaire, il est rarement bien accueilli lorsqu’il est associé à la notion de populisme. Dans cet article, nous cherchons à analyser le lulisme en tant que forme de populisme, dans la mesure où nous mettons en évidence l’ennemi contre lequel il se construit dans une logique antagonique, tout en examinant la construction de son peuple et de son leader. Sur le plan théorique, nous adoptons une compréhension post-structuraliste du populisme, fondée sur la théorie d’Ernesto Laclau et sur la théorie du discours développée par Ernesto Laclau et Chantal Mouffe. Pour mener cette recherche, nous avons compilé des matériaux issus de la campagne électorale de Lula à la présidence en 2022. Ces données ont ensuite été traitées à l’aide du logiciel NVivo, selon la méthode de l’analyse du discours. Parmi les résultats, nous avons d’abord identifié dans le signifiant « antidémocratie » la cristallisation de l’antagonisme au lulisme, point d’articulation de revendications insatisfaites qui se reconnaissent dans le leadership de Lula. Par ailleurs, nous avons constaté que les signifiants « inclusion sociale », « un gouvernement ‘avec’ tous », « sensibilité et soin » et « démocratie » structuraient le discours luliste, les significations de son peuple et de son leader, tout en niant la représentation de son antagoniste.

**Mots clés:** antagonism; peuple; populisme; lulisme; théorie du discours.

**Resumen:** Aunque el término “lulismo” es ampliamente utilizado en el ámbito académico, no suele ser bien recibido cuando se lo asocia con la idea de populismo. En este artículo, buscamos analizar el lulismo como una forma de populismo, en la medida en que destacamos al enemigo contra el cual se constituye en antagonismo, además de abordar la construcción de su pueblo y de su líder. Teóricamente, partimos de una comprensión posestructuralista del populismo, fundamentada en la teoría de Ernesto Laclau y en la teoría del discurso desarrollada por Ernesto Laclau y Chantal Mouffe. Para llevar a cabo la investigación, recopilamos materiales de la campaña electoral de Lula a la presidencia en 2022. Estos datos fueron posteriormente tratados mediante el software NVivo, a partir de la técnica de análisis del discurso. Como resultados, en primer lugar identificamos en el significante “antidemocracia” la consolidación antagonica al lulismo, polo desde el cual se articulan demandas insatisfechas que se reconocen en el liderazgo de Lula. Asimismo, constatamos que “inclusión social”, “un gobierno ‘con’ todos”, “sensibilidad y cuidado” y “democracia” fueron los significantes que estructuraron el discurso lulista, los sentidos de su pueblo y de su líder, negando la representación de su antagonista.

**Palabras clave:** antagonismo; pueblo; populismo; lulismo; teoría del discurso.

## **Introdução**

O “lulismo” é uma expressão utilizada no cotidiano dos brasileiros, na imprensa nacional e na internacional. Seu uso também ocorre em nível acadêmico. Independente do espaço, arriscamos dizer que seu sentido é tratado quase sempre de forma autoevidente. Em nossa compreensão, contudo, o lulismo é mais que uma palavra cujo sufixo se refere a um movimento ou mesmo um substantivo abstrato<sup>1</sup>. Lulismo é um significante que enuncia a identificação de um povo, constituído em função da articulação de suas demandas contra um inimigo que lhe negou tais demandas. Dessa forma, partiremos do pressuposto de que o lulismo é um discurso de tipo populista. Neste artigo objetivamos analisar o discurso da construção do povo realizado pelo lulismo especificamente no contexto da eleição presidencial brasileira de 2022. Esta experiência discursiva será analisada à luz da teoria do discurso (TD) de Laclau e Mouffe (1985) e da teoria do populismo de Laclau (2005a; 2005b). O antagonismo, nesse caso, desempenha papel fundamental.

Para alcançar o objetivo, o artigo está dividido, além desta introdução e das considerações, em três seções. Primeiramente, caracterizamos a teoria populista que fundamenta esta análise discursiva. Uma vez que o debate sobre populismo é permeado de interpretações e contestações, nosso primeiro objetivo específico é apresentar um conceito abrangente e metodologicamente consistente para analisar este fenômeno. Este conceito foi construído por nós com base nos novos estudos sobre o populismo desenvolvidos no final do século passado. Entre essas novas abordagens populistas, nossa principal influência é a de Laclau (2005a; 2005b). Complementarmente, apresentamos elementos teóricos e metodológicos que guiam esta análise de discurso sobre o lulismo no contexto da campanha eleitoral de 2022. Neste momento, indicamos o *corpus* discursivo, a TD que guia a nossa interpretação dos dados e como a análise será desenvolvida.

Na segunda seção, analisaremos o ponto central para a formação de qualquer discurso político: o seu polo antagônico. Especificamente quanto ao lulismo no contexto eleitoral de 2022, o antagonismo principal é identificado no discurso populista de extrema-direita bolsonarista. Com o bolsonarismo emergem diversos significantes antagônicos representando ameaças à existência dos elementos discursivos articulados pelo lulismo. Na última seção, verificaremos as construções do povo e da liderança de Lula articuladas pelo lulismo. Com base no corte antagônico, buscamos compreender demandas e elementos articulados pelo discurso lulista e, principalmente, quais são os sentidos de povo e de liderança populista que emergem dessa construção discursiva. Por fim, reunimos os principais achados apresentados ao longo do artigo. Buscamos esclarecer as conexões entre o polo antagônico e a constituição do povo, a qual enseja o discurso lulista.

## **Preparando o campo à análise do lulismo como experiência populista**

Neste artigo, partiremos da premissa de que o lulismo é uma experiência populista. Tal afirmação requer precisarmos nosso entendimento sobre populismo, termo contestado no âmbito das Ciências Sociais e que, após algumas décadas de abandono pela academia, foi

---

<sup>1</sup> De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2025, s.p.), “ismo” enquanto substantivo é relativo a “Qualquer doutrina, movimento ou teoria que não se quer especificar”; enquanto sufixo, é “formador de substantivos abstratos.”

reativado pelo debate do *mainstream* mundial da Ciência Política em torno da *crise das democracias liberais*<sup>2</sup>.

Antes de tratarmos do conceito de populismo que julgamos eficaz para iluminar a experiência lulista, trazemos duas considerações acerca dos principais estudos sobre o lulismo. A primeira consideração: majoritariamente, essas pesquisas não associam este fenômeno ao populismo. Por exemplo, para Singer, o lulismo não é uma experiência populista, ainda que ele admita que o fenômeno possua diversas semelhanças com o período do primeiro governo Vargas (1930-1945) e o da chamada democracia populista brasileira (1945-1964). Conforme o autor, “no plano ideológico”, o lulismo “trouxe, outra vez, à tona a gramática varguista, que opunha o ‘povo’ ao ‘antipovo’” (Singer, 2012, p. 16). Em outro momento, Singer afirma que o PT, durante o governo Lula, tinha se assemelhado a um “‘partido dos pobres’ de estilo anterior a 1964”, tendo a polarização entre esquerda e direita sido “substituída por uma polarização entre ricos e pobres, parecida com a do período populista” (Singer, 2012, p. 34).

A segunda consideração refere-se ao *limite temporal* do lulismo. Para grande parte dos analistas como Singer (2012; 2018), Singer e Loureiro (2016) e Braga (2016), o lulismo atém-se à experiência dos governos de Lula e Dilma<sup>3</sup>. Assim, termos como o *despedaçamento do lulismo* (Singer, 2018) ou o *fim do lulismo* (Braga, 2016) coincidem com o *impeachment* de Dilma e, portanto, com o término dos governos petistas. Diferente dessas perspectivas, apresentamos uma posição analítica mais ampla: para nós, o lulismo é um discurso que, embora tenha iniciado durante o primeiro mandato de Lula, manteve-se vivo além das experiências de governo do PT, sendo a continuidade dos seus elementos discursivos fundamental à terceira eleição de Lula. Após essas observações preliminares, passemos à análise teórica sobre o populismo.

Não há aqui espaço para o aprofundamento do longo debate atual sobre as diversas correntes do populismo. Assim, dividiremos os estudos sobre o fenômeno em dois momentos principais, de forma a darmos uma visão geral do estado da arte dessa área de estudos para, então, apresentarmos o nosso próprio conceito de populismo. O primeiro momento chamaremos de *abordagens clássicas* e o segundo de *abordagens contemporâneas*.

Para caracterizarmos as *abordagens clássicas* do populismo, utilizaremos a interpretação de Panizza (2005), que as divide em: *generalizações empíricas* e *abordagens históricas*. As *generalizações empíricas* entendem o populismo como “um conjunto de características definidoras positivas que fornecem uma série de atributos que caracterizam o fenômeno” (Panizza, 2005, p. 2). Exemplos deste tipo de estudos são as abordagens de Wiles (1969) e de Canovan (1981), que listaram características pretensamente capazes de definir o fenômeno populista, a partir de estudos de casos realizados por eles, e tentaram generalizá-las. Essa forma de abordagem do populismo é falha, pois desconsidera que este fenômeno, como veremos a seguir, não pode ser bem compreendido a partir de processos de indução, os quais abrem fatalmente brechas para o que Laclau (2005b, p. 32) chamou de “uma avalanche de exceções”.

Já as *abordagens históricas*, consideram o populismo um fenômeno transitório. Para Panizza (2005, p. 3), este tipo “consiste em associar o populismo com um período histórico particular, uma formação social, um processo histórico ou um conjunto de circunstâncias históricas”. Abordagens históricas são características de interpretações sobre o populismo realizadas na América Latina. No caso do Brasil, principalmente inspirado nas análises de Ianni (1988), Weffort (1980) e Gomes (1996), o populismo foi considerado um fenômeno

<sup>2</sup> Sobre o debate centrado em populismos de direita cf. Müller (2016), Levitsky e Ziblatt (2018) e Mounk (2019).

<sup>3</sup> Como nossa análise de discurso aborda o período eleitoral de 2022, anterior ao terceiro mandato de Lula, as referências aos estudos sobre lulismo são, naturalmente, de antes deste governo.

circunscrito num momento particular de nossa história política – na chamada *democracia populista* de 1945-1964. O principal problema das abordagens históricas é que elas restringem o populismo a “limites geográficos e temporais estreitos” (Panizza, 2005, p. 3). Ou seja, elas partem do pressuposto que o populismo seria vencido a partir do desenvolvimento capitalista e democrático latino-americano, isto é, o populismo, segundo esta abordagem, é transitório, pois resulta do subdesenvolvimento econômico e político que, em algum momento, seria superado.

De forma geral, as Ciências Sociais brasileiras são ainda muito influenciadas pelas abordagens clássicas do populismo, principalmente pelas *históricas*. Isso implica na forma como o populismo é percebido academicamente no país. A principal consequência é a visão necessariamente negativa atribuída ao fenômeno populista, sustentada por esta perspectiva histórica que normativamente atribui uma transitoriedade ao populismo, como se essa experiência fosse uma fase a ser superada a partir dos desenvolvimentos econômico e político do Brasil.

Entretanto, essas *abordagens clássicas* do populismo se mostram ineficazes em compreendê-lo pois, mesmo que tenham características e objetivos analíticos distintos, suas vertentes buscam identificar o populismo positivamente. Ou seja, cada uma, à sua maneira, tentou encontrar um fundamento, uma essência para iluminar o populismo de forma inequívoca, seja listando características indutivas definidoras (inúteis devido às exceções que as invalidam), seja atribuindo temporalidade ao fenômeno populista (como uma etapa histórica em dada sociedade).

Contra as perspectivas *clássicas*, o populismo mostrou-se uma experiência destoante das classificações tipológicas, não restringindo-se a temporalidades ou a fases de desenvolvimento de sociedades. Relativamente às *abordagens históricas*, reconhecidos movimentos populistas de extrema-direita ocorridos nos principais países ocidentais – como a eleição de Trump, nos Estados Unidos, e a aprovação do *Brexit*, no Reino Unido, ocorridos em 2016 e que impulsionaram o debate mundial em torno da *crise das democracias* –, atestam que o populismo pode ocorrer em qualquer lugar, a qualquer tempo, independentemente do grau de desenvolvimento econômico e social.

Visto que as *abordagens clássicas* do populismo foram incapazes de bem compreendê-lo, um novo tipo de análise surgiu no final da última década do século passado. Ao invés de buscar características positivas definidoras do fenômeno, as *abordagens contemporâneas* construíram conceitos formais para o populismo. Para nós, esses esforços visaram identificar o *núcleo duro* que habita qualquer experiência populista, independentemente de elementos constitutivos específicos ou de inclinação ideológica. Este *núcleo duro* compreende uma formação populista sempre como uma construção política de um povo ameaçada antagonicamente pelo seu inimigo.

As principais vertentes das *abordagens contemporâneas* são a *liberal* e a *pós-estruturalista*. A despeito de suas diferenças, ambas tratam o populismo a partir do referido núcleo duro. Exemplificaremos a vertente *liberal* a partir de dois conceitos de populismo, de Canovan (1999; 2005) e de Mudde e Kaltwasser (Mudde, 2004; Mudde e Kaltwasser, 2017) – análises exemplares e influentes no campo. Para Canovan (1999, p. 3), “o populismo, nas sociedades democráticas modernas, é melhor visto como um apelo ao ‘povo’ contra a estrutura de poder estabelecida e as ideias e valores dominantes na sociedade”. Já segundo Mudde e Kaltwasser (2017, p. 6), o populismo é “uma ideologia frágil (*a thin-centered ideology*) que considera a sociedade separada em dois campos homogêneos e antagonicos, ‘o povo puro’ versus ‘a elite corrupta’, e que argumenta que a política deve ser a expressão da vontade geral (*volonté générale*) do povo”.

Há muitas diferenças entre os conceitos de Canovan (1999; 2005) e de Mudde (2004) e Mudde e Kaltwasser (2017), mas não objetivamos analisá-las profundamente. Queremos apenas demonstrar que, inobstante suas distinções, essas abordagens compartilham a ideia de que uma análise sobre uma experiência populista deve partir do reconhecimento conceitual do seu *núcleo duro*. Assim, mesmo que Mudde e Kaltwasser considerem o populismo um tipo ideológico – frágil, que se associa a ideologias fortes –, e Canovan discorde deles no contexto da sua análise, percebe-se, nessas perspectivas, a estrutura conceitual formal populista de que falamos: um *povo* que *se constitui antagonicamente* ao seu *inimigo*. O estabelecimento deste ponto de partida analítico, baseado no *núcleo duro* do populismo, permite análises mais apropriadas sobre este fenômeno, posto que há separação entre o que formalmente é o populismo e o que são experiências populistas *stricto sensu*.

Entretanto, entendemos que as abordagens de Canovan e de Mudde e Kaltwasser, e demais análises liberais sobre o populismo, esbarram num problema político limitante para uma compreensão mais abrangente deste fenômeno: essas análises têm como pressuposto o populismo, necessariamente, como negativo. Isso, entendemos, deriva de dois fatores principais. O primeiro indica que as experiências populistas são comumente muito críticas às democracias liberais, entendidas por suas lideranças como regimes excludentes e surdos à vontade popular. O segundo fator está ligado aos casos populistas majoritariamente analisados pelos liberais – normalmente europeus ou estadunidenses de direita/extrema-direita, flagrantemente autoritários, totalitários, xenófobos e/ou excludentes. Ainda que se possa compreender epistemologicamente a recusa política dos analistas liberais ao populismo, o pressuposto de que toda experiência populista é antidemocrática – por criticar especificamente a democracia liberal<sup>4</sup> – e, no mínimo, autoritária, impede com que a corrente liberal consiga, no limite, compreender o populismo desde sua especificidade.

Devido a esta limitação analítica da vertente liberal preferimos analisar o populismo à luz e inspirados pela vertente *pós-estruturalista*. A grande vantagem de ambas as vertentes é buscar compreender a *razão populista* a partir, primeiramente, do reconhecimento do seu *núcleo duro*. Porém, entre os pós-estruturalistas há também o particular interesse de conhecer cada experiência populista sem associá-la *a priori* a qualquer tipo de pré-noção ideológica ou volitiva. Isto é: para os pós-estruturalistas, o populismo, em dimensão conceitual formal, não é um fenômeno que ameaça a democracia, tampouco a panaceia para a solução dos problemas nela existentes. O único pressuposto do pós-estruturalismo acerca do populismo é considerar sempre este fenômeno como resultado da construção política de um povo contra seus inimigos. Vejamos como isso ocorre para essa corrente teórica.

Primeiramente precisamos compreender por que o pós-estruturalismo considera o populismo como a construção política de um povo contra os seus inimigos. Isso ocorre porque, seguindo Laclau (2005a; 2005b), o maior expoente desta corrente, o populismo deve ser visto inicialmente como categoria ontológica: é do ser do populismo o *núcleo duro* anteriormente referido. Este ser não possui essência no plano ôntico (da experiência), ou seja, a construção política do povo pode ser o resultado das mais diversas articulações entre distintas demandas populares. Nesse sentido, uma acusação comum que o populismo recebe – a falta de clareza/exatidão de seus sentidos –, é, para Laclau, sua maior força: “a vagueza e a indeterminação não são defeitos de um discurso *sobre* a realidade social, mas, em algumas circunstâncias, inscrevem-se na realidade social como tal” (Laclau, 2005a, p. 67, *itálico no original*). Assim, o populismo não é vago e indeterminado por ser um discurso vacilante ou

---

<sup>4</sup> Os liberais reconhecem como legítimas muitas das críticas dos populistas às democracias liberais. Canovan (2005, p. 85) ressalta: “[...] os populistas estão certos em ver, na democracia contemporânea, uma conspiração para manter o poder longe do povo; eles são perigosos precisamente porque eles estão certos”.

impreciso *per se*, mas porque a própria realidade social muitas vezes apresenta-se a partir da vagueza e da indeterminação.

Compreender vagueza e indeterminação como elementos essenciais da ontologia do populismo nos possibilita entender por que lideranças políticas com ideologias e ações tão discrepantes podem ser consideradas populistas. Assim, como não há essência para que um povo seja politicamente construído, este pode ser articulado à direita ou à esquerda, em situações autoritárias e totalitárias ou nas democráticas, em experiências excludentes ou inclusivas. Dito isso, sob uma perspectiva pós-estruturalista, vejamos, pontualmente, como cada elemento do *núcleo duro* do populismo – povo, antagonismo e inimigo do povo – deve ser considerado.

Como enfatizamos, numa experiência populista, o povo é sempre uma construção política – ele nunca está dado *a priori*. Portanto, o povo não é o conjunto dos habitantes ou dos cidadãos de um local ou um dos elementos do Estado, num sentido jurídico, ou, num sentido sociológico, os trabalhadores. No populismo, o povo é uma entidade coletiva constituída mediante uma operação eminentemente política. Inicialmente, o povo constitui-se a partir de um processo de identificação antagonista: quando demandas sociais – inicialmente dispersas –, articulam-se entre si contra um ou mais inimigos comuns. Esses inimigos, por sua vez, são significados como aqueles que negam o atendimento das demandas desta formação popular.

Assim, tendo em vista os breves elementos teóricos discutidos, conceitualmente, para nós, o populismo é a construção discursiva, política e antagonista, de um povo contra os seus inimigos. Este conceito será aplicado à análise do discurso lulista, o qual resulta de construção específica de povo que, como veremos, é progressista e inclusiva. Antes, porém, estabeleceremos os contornos teóricos e metodológicos que guiarão esta análise.

Tal como assumimos o pós-estruturalismo para conceituarmos o populismo, também utilizaremos a vertente como matriz de pensamento para conhecermos o discurso lulista. Para tanto, esta análise terá a teoria do discurso (TD) de Laclau e Mouffe (1985) como matriz teórico-metodológica. É importante observar que esta teoria não tem propriamente uma metodologia; seus autores não desenvolveram pesquisas empíricas para *aplicar* a TD. Porém, este projeto teórico tem sido utilizado em diversos estudos empíricos, com distintas metodologias (Laclau, 1994; Howarth e Torfing, 2005). Na presente análise de discurso, seguiremos metodologicamente a estruturação discursiva desenvolvida em *Hegemony and Socialist Strategy* (Laclau e Mouffe, 1985; Laclau, 2005a), estrutura que, a despeito de desenvolvimentos posteriores, mantém-se, em linhas gerais, nas obras posteriores desses teóricos e entre aqueles que adotam a TD como matriz teórico metodológica. Não faremos um apanhado exaustivo da TD, visto não ser nosso propósito, nem haveria espaço para tanto. Assim, apenas apresentaremos brevemente suas categorias centrais à nossa análise.

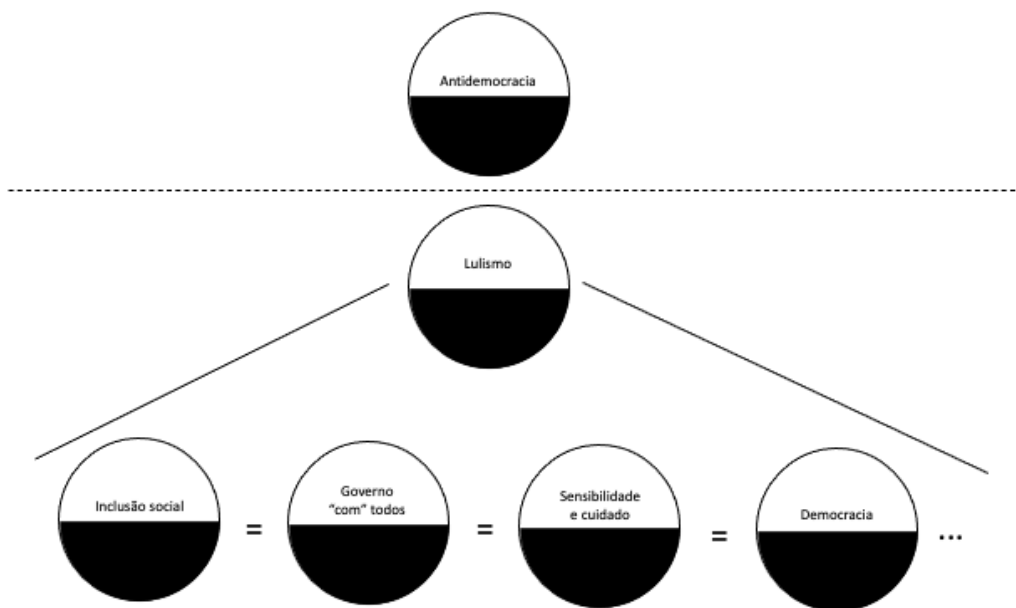
A primeira categoria é *discurso*. Conforme os autores, toda realidade social e política é sempre discursiva. Assim, o lulismo será tratado como tal. Discurso não é uma tentativa linguística de traduzir uma realidade material exterior à fala ou ao pensamento (Laclau e Mouffe, 1985). Discurso não é um ato individual, mas uma estrutura simbólica que torna os indivíduos seus sujeitos. Segundo os autores, discurso é o resultado da articulação entre elementos linguísticos e extralinguísticos, ou seja, não há objeto que não seja parte de um discurso. Resumidamente, discurso necessariamente envolve palavras e ações, pois o que se entende por realidade (materialidade) nunca está fora de um sistema simbólico significativo que lhe dá sentido.

Neste contexto teórico, todo discurso político origina-se com a presença do *antagonismo*. Portanto, na próxima seção, analisaremos especificamente as condições antagonistas de possibilidade do lulismo – sintetizadas na existência do bolsonarismo e de suas

demandas conservadoras e autoritárias articuladas. Isso é assim, pois, um discurso político constitui-se como resposta a uma ou mais ameaças antagônicas que negam a sua existência ou a legitimidade dos seus significantes articulados (Laclau e Mouffe, 1985). De forma teórica mais exata, no caso do antagonismo, “não é a minha identidade que é expressa, mas a impossibilidade da sua constituição. A força antagonizante *nega* minha identidade no sentido mais estrito do termo” (Laclau, 1990, p. 18, *italico no original*).

Como vimos, um discurso tem origem na negatividade antagônica. O passo metodológico seguinte é conhecer as demandas que se articulam e geram os significantes neste discurso. A articulação do lulismo será especificamente conhecida na terceira seção deste artigo, quando analisaremos os sentidos de povo e de sua liderança. Será quando, tendo como base a estruturação discursiva desenvolvida pela TD, conheceremos minuciosamente a cadeia de equivalências, o significante vazio povo – que exerce função hegemônica neste discurso –, além dos sentidos articulados no nome do líder, Lula. Graficamente, a estrutura discursiva do lulismo e seu corte antagônico estão representados no diagrama abaixo:

Diagrama 1: O discurso lulista (campanha eleitoral 2022)



Fonte: Elaboração própria com base em Laclau (2005a) e na campanha eleitoral de Lula em 2022.

Estabelecidos os elementos teórico-metodológicos, apresentamos o *corpus* discursivo para a análise. O material analisado foi publicizado entre 16 de agosto e 29 de outubro de 2022 – período da campanha eleitoral na Internet e no HGPE em primeiro e segundo turnos. O *corpus* discursivo que deu base aos achados apresentados neste artigo é composto por:

- 1908 *tweets* da conta oficial de Lula (@LulaOficial);
- 37 programas do HGPE;
- 252 inserções (internet, TV e rádio);
- jingle de campanha;

- pronunciamento de lançamento da pré-candidatura<sup>5</sup>.

Os materiais foram transcritos<sup>6</sup> e tratados no software qualitativo NVivo. Da análise emergiram os significantes que reúnem demandas, bases de antagonismos e identificações produzidas pelo discurso – fundamentais à análise discursiva apresentada nas próximas seções. Os trechos destacados do material analisado exemplificam os elementos definidores do discurso: o antagonismo e os pontos nodais, apresentados acima.

### **A democracia ameaçada: o antagonismo da extrema direita**

Como vimos, pela teoria de Laclau e Mouffe, um discurso político encontra suas condições de possibilidade na presença de uma ou mais forças antagonônicas. O lulismo, especificamente, sendo um discurso anterior ao bolsonarismo, no contexto eleitoral de 2022 reconfigura-se semanticamente para responder à ameaça autoritária hegemônica nos últimos anos em torno do nome de Bolsonaro. Antecipando os que os dados revelam neste artigo, definimos lulismo como um discurso populista que constrói o povo em torno dos brasileiros mais pobres, próximo à visão de Singer (2012) (ainda que não reconheça o lulismo como populista nem utilize o registro discursivo). Por sua vez, o bolsonarismo é um discurso populista de extrema-direita, reativo ao lulismo e à esquerda, cuja construção do povo articula elementos conservadores e reacionários (cultural, político e social) e neoliberais (econômico). Na próxima seção, veremos como o lulismo estrutura-se discursivamente especificamente no contexto das eleições de 2022. Agora cabe-nos compreender o contexto, as condições antagonônicas de possibilidade do lulismo, as quais serão aqui sintetizadas pelo significante *antidemocracia* (consubstanciado em Bolsonaro no referido pleito).

A antidemocracia é uma ameaça antagonônica anterior e que, possivelmente, sobreviverá à presença de Bolsonaro na política brasileira, presença que, ao que tudo indica, parece ser apenas uma etapa nesse processo antidemocrático por que o país passa. É verdade que, entre 2018 e 2022, o bolsonarismo hegemônizou em torno de si o sentido da antidemocracia. Porém, é fundamental entendermos o papel coadjuvante do discurso bolsonarista num contexto mais amplo de ameaça à democracia.

Em vez de definirmos propriamente um conceito de antidemocracia, preferimos entendê-la como um conjunto de práticas que, de forma consistente e sistemática, desde 2014, tem ameaçado o pacto democrático brasileiro estabelecido com a promulgação da Constituição Federal de 1988. Não objetivamos discorrer sobre eventos anteriores ao surgimento do bolsonarismo. Contudo, convém rapidamente registrar algumas manifestações e ações antidemocráticas que, a despeito de suas especificidades, miraram o lulismo e os sentidos progressistas e democráticos por ele mobilizados. Assim, a contestação dos resultados das eleições presidenciais de 2014 pelo então candidato do PSDB, Aécio Neves, derrotado por Dilma Rousseff; as manifestações de 2015 e 2016, que redundaram no *impeachment* de Rousseff, em 2016; o próprio controvertido processo de *impeachment*; o processo judicial e a condenação de Lula, que o retirou da corrida eleitoral de 2018, são alguns dos momentos-chave desse conjunto de práticas antidemocráticas que possibilitaram o surgimento de Bolsonaro como alternativa política.

A antidemocracia, como dissemos, mira diretamente o PT e o lulismo. Embora ganhe força em 2014, a antidemocracia vem sendo gestada, de fato, desde 2005, a partir do escândalo

---

<sup>5</sup> O lançamento da candidatura ocorreu em 21 de julho de 22, sem a presença do pré-candidato, tornando este pronunciamento uma manifestação relevante para a análise.

<sup>6</sup> Todo o *corpus* discursivo está disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/idad/produtos/arquivos-de-dados/>>.

do Mensalão, quando parcela significativa da classe média passou a alojar-se na oposição<sup>7</sup>. A corrupção, principal justificativa para tal reação, foi reforçada em 2014, quando eclodiu outro escândalo de corrupção na Petrobrás e a deflagração da Operação Lava Jato, momento em que o PT e o lulismo foram novamente alvos de uma campanha midiática sistemática que acusava o partido de comandar o “maior esquema de corrupção da história do Brasil”.

Contudo, como veremos adiante, este distanciamento da classe média brasileira em relação ao PT, além da constante oposição que o lulismo tem sofrido por grande parte dos meios empresariais e de comunicação desde o primeiro mandato de Lula, tem menos relação com os escândalos de corrupção ocorridos durante os governos petistas e mais com o conjunto de políticas sociais de inclusão dos mais pobres que se tornaram a marca do lulismo. Merece destaque a literatura sobre o lulismo ser pacífica quanto à ideia de que a prática política das administrações do PT, sobretudo nos dois mandatos de Lula, era de conciliação de classes<sup>8</sup>. Porém, priorizar os mais pobres com inúmeras políticas públicas gerou diversas resistências das classes mais altas. Como veremos, ainda que o povo construído discursivamente pelo lulismo tenha o objetivo hegemônico de inclusão de todos os brasileiros, ricos e pobres, claramente, neste discurso, o sentido principal de *povo* associa este significante ao significado de *os mais pobres*, uma clássica construção populista.

Opostamente, na fronteira antagônica, o bolsonarismo surgiu como um discurso de extrema direita propagador de ódio de classe, instilador de inúmeros preconceitos e exclusões, que mira principalmente a esquerda e setores progressistas da sociedade. É justamente o discurso bolsonarista que tem recebido apoio de amplos setores das classes médias e altas (Cf. Datafolha, 2018; 2022).

Com esta contextualização, passemos à análise *stricto sensu* de como o lulismo significa a antidemocracia hegemônica pelo bolsonarismo no contexto eleitoral de 2022. No discurso lulista, os sentidos principais do antagonismo antidemocrático bolsonarista são: i) a divisão da sociedade em dois campos antagônicos e ii) o discurso de ódio e a insensibilidade. Vejamos seus sentidos.

O discurso lulista articula dois elementos centrais acerca do bolsonarismo dividir a sociedade em polos antagônicos. O primeiro elemento constata o ineditismo da prática bolsonarista. Neste sentido, Lula afirma:

Sempre fomos reconhecidos como um país alegre. Nunca tinha visto o Brasil tomado pelo ódio como uma parte da sociedade está hoje. Tenho lido notícias sobre padres sendo atacados porque estão falando da fome, defendendo a democracia (@LulaOficial, 17/10/2022).

A manifestação acima poderia servir para descrever qualquer dos sentidos do antagonismo bolsonarista, já que notamos na fala do candidato os sentidos de *divisão antagônica*, *ódio* e *antidemocracia*. Isso ocorre porque tais sentidos estão imbricados entre si no discurso bolsonarista e a nossa análise, ainda que os individualize, considera-os como significantes articulados entre si. Sobre o ineditismo, Lula afirma que “nunca tinha visto o Brasil tomado pelo ódio como uma parte da sociedade está hoje”. O que é inédito, ou seja, o “nunca tinha visto”, é o “ódio”, uma vez que o Brasil foi sempre reconhecido como um “país

<sup>7</sup> Para Singer (2012), 2006 marcou um realinhamento eleitoral no Brasil: o subproletariado aderiu a Lula, enquanto a classe média se afastou do PT devido ao Mensalão e às políticas do primeiro mandato voltadas à redução da pobreza e ao estímulo ao mercado interno.

<sup>8</sup> Em diversas ocasiões Lula afirmou que banqueiros e empresários nunca ganharam tanto dinheiro quanto em seus governos. Em uma dessas, acrescentou: “eu só não imaginava que alguns [banqueiros] ficariam com ódio porque um pouco do que eles ganharam nós distribuimos com os trabalhadores” (UOL, 2016, s.p.).

alegre”, e também, sua presença em “uma parte da sociedade”. Esta “parte da sociedade”, tomada pelo “ódio”, odeia outra parte da sociedade, reconhecidamente “alegre”. A parte da sociedade tomada pelo ódio é constituída pelos indivíduos sujeitos do discurso bolsonarista.

O segundo elemento antagônico do bolsonarismo identificado pelo lulismo, enquanto divisor da sociedade, refere-se a como ele é materializado. Seguidamente, durante o período eleitoral de 2022, o discurso lulista acentuou esse ponto na fronteira com o bolsonarismo. Vejamos duas passagens:

Que Brasil você quer? O que tem 33 milhões de pessoas passando fome ou o que tirou o país do Mapa da Fome? O do salário mínimo desvalorizado ou o que aumenta o salário mínimo acima da inflação? O que cortou os investimentos em educação ou o que mais fez universidades federais? O que aumentou o desmatamento ou o que reduziu o desmatamento? O que rebaixou o Brasil para 12ª economia do mundo ou o que levou o país para a sexta economia do mundo? (Lula, HGPE - Noite, 27/08/22).

Existe aquele que abandona e aquele que acolhe. O que cruza os braços e o que estende a mão. O que debocha e o que ampara. O que mata, mata e desmata e o que cuida, protege e salva. O da discórdia e o da união. O que quer guerra e o que vai pra luta. Existe aquele do desespero e o da esperança. Aquele que tira e o que reparte. Que Brasil você quer? O do ódio ou do amor? (Lula, HGPE - Tarde, 27/08/2022).

Na primeira passagem, há comparação de desempenhos e prioridades entre as administrações Lula e Bolsonaro em dois pontos sensíveis: na política social e na econômica. Sobre política social, a campanha petista noticia que 33 milhões de pessoas passam fome durante o governo Bolsonaro, enquanto que a administração de Lula “tirou o país do Mapa da Fome”. Ainda diz que, ao tempo de Lula, o salário mínimo aumentou acima da inflação, além dele ter sido o presidente que mais construiu universidades federais; já Bolsonaro, mantém o salário mínimo desvalorizado, corta investimentos em educação. Acerca da política econômica, mesmo com todas as políticas sociais realizadas nos governos Lula, o país chegou à sexta maior economia do mundo, enquanto, com Bolsonaro, o Brasil é apenas a décima segunda.

Essas comparações nos permitem asseverar duas questões. A primeira é que Lula prioriza políticas sociais e públicas direcionadas à parcela social e economicamente mais vulnerável da população brasileira, que, como veremos, forma o núcleo duro do sentido de povo construído pelo discurso lulista. Além de colocar o povo, no sentido de *os mais pobres*, no centro do seu discurso, o lulismo nomeia o bolsonarismo como *inimigo do povo*, a partir da sua negligência sobre o combate à fome, o poder aquisitivo do salário mínimo e a educação pública. Por fim, Lula conclui ser possível o Brasil se tornar uma potência econômica mesmo priorizando as políticas sociais – crítica implícita aos marcos neoliberais da área econômica do governo Bolsonaro, que nem prioriza os mais pobres, tampouco possibilita o crescimento econômico.

O segundo trecho extraído da propaganda eleitoral do PT estabelece nova comparação entre as experiências políticas, mas agora desde um ponto de vista moral, ficando mais evidente o antagonismo lulismo *versus* bolsonarismo. Se, na primeira confrontação, o foco era a distinção político-ideológica entre um governo que prioriza políticas sociais aos mais pobres e outro que corta investimentos públicos para quem mais precisa, a diferença trazida agora é a da luta do bem contra o mal. Enquanto o bolsonarismo “abandona”, “cruza os braços”, “debocha”, “mata”, “desmata”, gera “discórdia”, quer “guerra”, gera “desespero” e “tira”, o lulismo “acolhe”, “estende a mão”, “ampara”, “cuida”, “protege”, “salva”, “une”, “vai para a luta”, gera “esperança” e “reparte”. Após comparar significantes simetricamente antagônicos, o trecho finaliza com duas perguntas: “Que Brasil você quer? O do ódio ou do amor?”.

Apresentar elementos antagônicos tão agudos, que visam direcionar moralmente o eleitor a uma única e óbvia opção, nos possibilita passar à análise do segundo sentido principal do antagonismo antidemocrático bolsonarista: o discurso de ódio e a insensibilidade. Neste particular, a campanha de Lula explorou fartamente os inúmeros momentos em que Bolsonaro – durante a sua longa carreira política, mas, especialmente, enquanto na presidência –, desferiu ódio contra adversários, defendeu a tortura, os torturadores e o regime militar de 1964-1985, apenas para darmos alguns exemplos bem conhecidos. Acerca das demonstrações de insensibilidade de Bolsonaro, foram longamente explorados o deboche e a indiferença – pessoal e de seu governo – com que o então presidente se comportou, por diversas vezes, diante da tragédia sanitária da Covid-19, que vitimou quase 700 mil brasileiros.

Se por um lado o discurso de ódio e a insensibilidade de Bolsonaro refletem a maneira antagônica com que esse sujeito sempre se comportou politicamente, por outro, – tendo em vista a divisão da sociedade em dois campos inimigos, posta em marcha especialmente em 2018 – o antagonismo transformou-se numa forma sistemática de fazer política, uma política do confronto constante, da propalação de mentiras e das *fake news*. O bolsonarismo tornou esse *modus operandi* confrontatório uma política de governo, chegando ao ponto de as falas do presidente, que incitavam ódio e demonstravam insensibilidade, serem vistas como armas políticas legítimas por seus seguidores. Na campanha presidencial de 2022, a necessidade de vencer o ódio difundido pelo bolsonarismo foi amplamente explorada pelo lulismo, como pode ser exemplificada nesta passagem da propaganda de Lula, pronunciada por Chico Buarque:

Podemos não torcer pelo mesmo time, não gostar das mesmas músicas ou não ser da mesma turma. Mas nossas diferenças são menores do que aquilo que nos une: o amor pelo Brasil. Por isso, vamos juntos. Porque se as armas deles são pistolas e fuzis, a nossa arma é o voto. Dia 02, vamos livrar o Brasil do ódio. Vote 13 e vamos com Lula Presidente (Lula, comercial de TV, 28/09/2022).

O lulismo não quer retirar da política aquilo que lhe é inerente, ou seja, diferenças ou eventuais disputas entre projetos concorrentes. Contudo, num ambiente democrático, tais diferenças não devem se transformar numa guerra entre inimigos. Assim, se o bolsonarismo representa a guerra entre os próprios brasileiros por meio do ódio, o lulismo promete a união deles pelo “amor pelo Brasil”. O presidente que instila o ódio entre compatriotas é também incapaz de se sensibilizar com a dor alheia:

Mas não basta ao bom governante sentir como se fossem suas as conquistas do povo sofrido. Para governar bem, ele precisa ter também a sensibilidade de sofrer com cada injustiça, cada tragédia individual e coletiva, cada morte que poderia ser evitada. Infelizmente, nem todo governante é capaz de entender, sentir e respeitar a dor alheia. Não é digno desse título o governante incapaz de verter uma única lágrima diante de seres humanos revirando caminhões de lixo em busca de comida, ou dos mais de 660 mil brasileiros e brasileiras mortos pelo Covid. Pode até se dizer cristão, mas não tem amor ao próximo (Lula, lançamento da pré-candidatura, 07/05/2022).

O trecho acima é um exemplo de como o discurso lulista explorou a insensibilidade de Bolsonaro no enfrentamento da Covid-19. Aqui não está em disputa discursiva se o ex-presidente foi ou não insensível a respeito da crise sanitária. Há um sentimento hegemônico na sociedade brasileira de que a sua postura foi de completa indiferença com a dor alheia – expresso várias vezes pelos meios de comunicação, presente em diversas falas jocosas ou frias de Bolsonaro – e tal entendimento hegemônico foi amplamente explorado pela campanha de Lula. Em outra passagem, por ocasião da participação de Bolsonaro no velório de Elizabeth II,

a campanha petista ressaltou: “Foi para Inglaterra ver o túmulo da rainha, mas não derramou uma lágrima por quem morreu de COVID aqui” (@LulaOficial, 11/10/2022).

O discurso de ódio e de indiferença de Bolsonaro – tão atípico entre lideranças tradicionais na história política brasileira, assim como a divisão da sociedade em dois campos antagonísticos –, podem ser considerados *efeitos colaterais* aceitos no contexto de uma política antidemocrática mais ampla, que claramente objetivou tirar o PT e o lulismo do cenário político. Na eleição presidencial de 2018, Bolsonaro não era a preferência do grande empresariado e do mercado financeiro; naquela ocasião, o favorito era Alckmin, do PSDB. Porém, o então candidato do PSL e o seu movimento político apareceram como alternativa política para derrotar o candidato lulista, apesar do seu discurso flagrantemente antidemocrático e excludente.

Em 2022, após um governo de controvérsias e ameaças diuturnas ao regime democrático, Bolsonaro foi abraçado, desde o primeiro turno da eleição presidencial, pelos mais ricos e pelos setores mais conservadores da sociedade brasileira. O ódio ostensivo, a insensibilidade e o antagonismo como arma política – características extremamente ameaçadoras ao pacto democrático estabelecido em 1988, embora combalido após o *impeachment* de 2016 –, deixaram de ser os *efeitos colaterais* de quatro anos atrás e foram, em 2022, plenamente incorporados por uma política antidemocrática de parte significativa da sociedade brasileira, que vê a democracia com desconfiança e desvantagem, posto ser um caminho à volta do lulismo.

O bolsonarismo foi apenas um capítulo na história do discurso antidemocrático que, como dissemos, é mais amplo e anterior a este fenômeno. A vitória de Lula interrompe a antidemocracia como projeto político, não a elimina. Da mesma forma que o projeto antidemocrático foi incapaz de aniquilar o lulismo. Este, como veremos a seguir, atua com força em 2022, como um discurso de inclusão dos mais pobres e de união do Brasil.

### **“Para cuidar do povo brasileiro”: o povo entre a *plebs* e o *populus***

Em *On Populist Reason*, Ernesto Laclau (2005a), para demonstrar que toda operação populista resulta da construção política de um povo, apresenta a diferença entre *plebs* e *populus*. A *plebs*, os mais pobres, o *populus*, a totalidade do povo. O populismo é a conversão da parte no todo; é o efeito hegemônico de um discurso particular que passa a representar amplos setores de determinada comunidade política. Nesta seção, demonstraremos como o lulismo, especialmente em 2022, pode ser analisado à luz das novas abordagens populistas, especialmente a teoria do populismo de Laclau (2005a; 2005b).

Retomemos, inicialmente, o conceito orientador desta análise: populismo é a construção discursiva, política e antagonista de um povo contra os seus inimigos. Nos termos da teoria laclauniana, é necessário que demandas particulares se articulem para que seus sentidos possam se hegemonizar e cumprir a passagem da *plebs* ao *populus*, ou seja, quando demandas de uma parte da sociedade passam a representar a sociedade. No lulismo, especificamente, são quatro as demandas principais articuladas: i) inclusão social; ii) governo *com todos*; iii) sensibilidade e cuidado; iv) democracia. Após analisar cada uma, finalizaremos esta seção verificando a liderança política de Lula.

Inclusão social é, certamente, a demanda mais clássica do lulismo, que mais notabiliza este discurso. As origens e as trajetórias de Lula e do PT são marcadas pela luta por direitos e inclusão dos trabalhadores, dos mais pobres, dos excluídos. O termo *lulismo*, quando cunhado por Singer, indica essa aliança, a ponto de o autor nomear o PT o “partido dos pobres” (Singer, 2012, p. 34). Ademais, os mandatos dos governos Lula e Dilma foram marcados por diversas

políticas sociais e de inclusão. Entre elas, o Bolsa Família, programa de transferência de renda do Governo Federal que tirou milhões de famílias brasileiras da miséria absoluta<sup>9</sup>.

Em 2022, Lula assume o combate à fome como uma das demandas centrais de sua campanha: “[N]ão haverá soberania enquanto 116 milhões de brasileiros sofrerem algum tipo de insegurança alimentar. Enquanto 19 milhões de homens, mulheres e crianças forem dormir todas as noites com fome, sem saber se terão um pedaço de pão para comer no dia seguinte” (Lula, lançamento da pré-candidatura, 07/05/2022). O problema da fome e da pobreza (que foi parte da experiência pessoal de Lula e prioridade nos seus governos), foi agravado no país como consequência da crise econômica advinda da pandemia da Covid-19 (II Vigisan, 2022). Ademais, nesse contexto, priorizar demandas dos mais pobres foi um ponto sensível defendido pelo lulismo, uma vez que o bolsonarismo investiu ostensivamente, especialmente por meio do Auxílio Brasil<sup>10</sup>, visando os votos dessa parcela fiel do eleitorado de Lula. Ademais, a inclusão social vai além do combate à tragédia nacional da fome e da miséria:

Nenhum país será soberano [...] enquanto mulheres continuam a ser assassinadas pelo simples fato de serem mulheres. Enquanto pessoas continuarem a ser espancadas e mortas por conta da sua orientação sexual. Enquanto não forem combatidos com rigor o extermínio da juventude negra e o racismo estrutural que fere, mata e nega direitos e oportunidades (Lula, lançamento da pré-candidatura, 07/05/2022).

Inclusão social, no discurso lulista, deve ser também compreendida como a priorização de políticas públicas e sociais para mulheres, pessoas de todas as orientações sexuais, juventude, pessoas negras. Esta é uma lista de *numerus apertus*, quer dizer, para o lulismo, a inclusão social deve abranger todos os excluídos, independente da natureza dessa exclusão. Logo, o povo do lulismo é primordialmente composto pelos que estão nas margens, nas periferias e são justamente esses sujeitos alvos constantes do bolsonarismo.

Bolsonaro é notoriamente conhecido por uma longa história de manifestações, por um lado, intolerantes, machistas, misóginas e racistas contra os mais pobres, apoiando a morte de pessoas com posições ideológicas distintas das dele. Por outro lado, o ex-presidente é igualmente conhecido por defender ditadores, torturadores, por ter relações com milicianos, entre outros comportamentos que o ligam ao oposto de um sujeito defensor dos excluídos. Como presidente, Bolsonaro, em diversos momentos, demonstrou ser insensível à dor dos mais pobres, manteve uma política machista e discriminatória (que declarava ser contrária à *ideologia de gênero*). Durante o auge da pandemia, o então presidente zombou dos doentes da Covid-19, não demonstrou qualquer empatia com o sofrimento das vítimas e de suas famílias. Pelo discurso lulista, Bolsonaro não foi insensível somente com os excluídos do Brasil, como exemplificado abaixo:

Já com Bolsonaro é o contrário: cortou verbas da educação, saúde, da merenda das crianças, do combate à violência contra as mulheres. Cortou verba até do tratamento do câncer. Bolsonaro fala muito, mente muito. Mas na prática, não cuida das famílias. E ele mostrou sua face mais perversa durante a pandemia (Lula, HGPE, 12/10/2022 e 22/10/2022-Noite).

<sup>9</sup> Segundo o Instituto Lula (2020, s.p., destaques no original), “[c]riado no governo Lula e ampliado e aprofundado no governo Dilma, o Bolsa Família beneficiou, durante os governos progressistas, cerca de 14 milhões de famílias, um total de 50 milhões de pessoas. Em 2015, foram investidos no programa R\$ 27,7 bilhões, pouco mais de 0,4% do PIB”.

<sup>10</sup> O Auxílio Brasil, implementado em novembro de 2021, substituiu o Bolsa Família. Entre as diferenças, o Auxílio Brasil tinha valor maior, mas aplicava um critério de inclusão de corte de renda per capita superior (CNN, 2021).

Ainda que a inclusão social dos excluídos seja uma característica fundamental do lulismo, este discurso visa ir além: busca hegemonizar o campo político. Logo, há uma tentativa constante de tornar o governo Lula uma administração que, ao mesmo tempo em que prioriza os brasileiros mais necessitados, olha o país como um todo. O lulismo deixa clara a sua prioridade, os mais pobres e excluídos, mas não abre mão de governar para todos os brasileiros, inclusive para os mais ricos, buscando celebrar uma verdadeira *aliança de classes*, colocando-se como a possibilidade de encontrar pontos em comum entre demandas tão díspares, na difícil tessitura necessária para unir um país tão complexo como o Brasil. É com essa intenção de unir uma nação que Lula, em diversos momentos da campanha eleitoral, afirma: “[E]u quero voltar a ser presidente e trabalhar muito para melhorar a vida de todos os brasileiros. Todos. Mas principalmente daqueles que mais precisam” (@LulaOficial, 26/08/2022).

Se *inclusão social*, a primeira demanda principal articulada no discurso lulista, pode ser considerada, em seu sentido tendente à hegemonia, como *governo de todos*, a segunda demanda que analisaremos é a de que o governo do PT, na eventualidade da eleição de Lula, seria um *governo “com” todos*. Este projeto de união nacional, em que o lulismo buscava ser o significativo capaz de assumir uma representação hegemônica de setores heterogêneos da sociedade brasileira – articulados contra o bolsonarismo, o inimigo comum –, foi diversas vezes chamado pelo próprio candidato de *frente ampla*.

Desde antes do lançamento da candidatura de Lula, a ideia da frente ampla para derrotar o bolsonarismo estava dada. O primeiro passo nesta direção foi a escolha de Geraldo Alckmin como candidato a vice-presidente, até então um notório adversário. Como se tratava de uma aliança inesperada entre Lula e uma liderança histórica do PSDB, já nas primeiras peças publicitárias da campanha do PT, Alckmin apareceu dizendo: “mesmo que a gente não pense igual em tudo, nesse momento, algo muito mais importante nos une: o desejo de reconstruir o Brasil e melhorar a vida das pessoas. Se você também pensa assim, vamos juntos” (Lula, HGPE, 27/08/2022).

A postura de Alckmin na campanha eleitoral demonstra a constante necessidade de unir os diferentes, não cabendo ao ex-governador de São Paulo partir diretamente para o embate com adversários naquele contexto. Alckmin aparece como um símbolo de moderação e de união que o lulismo é capaz de construir como contraponto à discórdia e ao discurso de ódio produzidos pelo bolsonarismo. A busca pela frente ampla – outra forma de compreender a tentativa de hegemonização do discurso liderado por Lula – foi diversas vezes enfatizada pelo próprio candidato à Presidência: “Paulo Freire [...] nos deixou uma lição que vale para o grave momento que estamos vivendo: ‘É preciso unir os divergentes, para melhor enfrentar os antagonicos’” (@LulaOficial, 19/09/2022)<sup>11</sup>.

A terceira demanda principal articulada pelo lulismo em 2022 é *sensibilidade e cuidado*. Este tema ganhou particular importância na política e na sociedade brasileiras, tendo em vista a experiência do governo Bolsonaro. Diversas manifestações e ações desse presidente evidenciaram comportamentos insensíveis com as dores e as necessidades principalmente dos brasileiros mais necessitados. A pandemia foi claramente o momento mais marcante da falta de sensibilidade e de cuidado de Bolsonaro. Foram incontáveis os episódios em que o seu governo não apenas não cuidou como claramente agiu contra o cuidado e a atenção de áreas fundamentais. Como exemplos, testemunhamos um ministro do Meio Ambiente que, em reunião ministerial ocorrida no auge da pandemia, declarou ser aquele momento o ideal para aprovar legislações que flexibilizassem explorações dos biomas brasileiros (G1, 2020); um secretário de Cultura que publicou vídeo na internet fazendo ode a símbolos nazistas (Putti,

<sup>11</sup> No segundo turno Lula ganhou dois importantes apoios que sinalizaram a ampliação da frente ampla: Simone Tebet (MDB), sua adversária no primeiro turno, e Marina Silva (Rede).

2020); um ministro da Educação que dizia haver plantações de maconha nas universidades federais (Basilio, 2019); um presidente da Fundação Cultural Palmares que criticava o Dia da Consciência Negra (Carta, 2021), entre tantos outros episódios. Contra o discurso insensível e descuidado do bolsonarismo em relação ao povo brasileiro, Lula defende na campanha a sensibilidade e o cuidado como propostas de governo. “Para cuidar do povo brasileiro”, o então candidato do PT afirma em seu programa eleitoral:

Meus amigos e minhas amigas, nunca esqueceremos as mais de 680 mil pessoas que perdemos na pandemia. Cada vida perdida era mãe, pai, filho, irmão, avó, amigo de alguém. Peço a Deus que conforte essas famílias. No meio de tanta dor, aprendemos que sem o SUS e os profissionais da saúde, a tragédia seria maior. O atual presidente debochou da COVID, fez pouco caso dos mortos, cortou dinheiro da saúde em plena pandemia, atrasou a vacina e impediu que milhares de vidas fossem salvas. Garanto a vocês: isso nunca mais vai acontecer. Vamos voltar a cuidar da saúde do povo com o respeito e o carinho que ele merece (Lula, HGPE, 08/09/2022).

Cuidado e sensibilidade. Significantes que podem ser usados como meros recursos retóricos abstratos apenas para adornar uma manifestação política. Podem ainda ser entendidos como desnecessários e, inclusive, demagógicos, visto que uma *boa* administração pública deve ser – no contexto da colonização neoliberal da política em que vivemos – tão eficaz e racional como a gerência de uma empresa. Cuidado e sensibilidade são características que os seres humanos têm ou não. Bolsonaro nunca demonstrou as possuir. Essas ausências marcaram tanto o governo bolsonarista a ponto de se tornarem demandas legítimas no contexto do discurso lulista.

O discurso lulista deixou claro que a falta de cuidado e de sensibilidade do governo Bolsonaro resultou no desastre do enfrentamento da pandemia, no corte de verbas nas áreas da Saúde, Educação e Assistência Social, nos recortes de desmatamento no país, no descaso com a Cultura, com as mulheres, com as pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+. Como um círculo que se fecha, a primeira demanda principal que vimos, a inclusão social, é justamente aquela que mais precisa de cuidado e de sensibilidade. Sem essas características, um governo nunca priorizará a inclusão dos excluídos. Segundo Lula, “[A] palavra governar vai desaparecer da minha boca e eu vou ganhar as eleições para cuidar do povo” (@LulaOficial, 18/09/2022). Ou ainda: “[G]overnar deve ser, sobretudo, um ato de amor” (Lula, lançamento da pré-candidatura, 07/05/2022).

Das quatro demandas principais identificadas na análise do discurso lulista, a última e a mais abrangente é a defesa da democracia. A democracia é o significante hegemônico mais abrangente neste discurso, sendo possível dizer que votar em Lula é igual a defender a democracia. A democracia é significante vazio mais representativo do lulismo, posto ser o polo antagônico ao bolsonarismo, neste contexto, significado como a própria antidemocracia.

Para o lulismo, a democracia a ser defendida tem dois sentidos principais: manter a integridade das instituições e do Estado de direito; buscá-la de forma substantiva. O primeiro sentido, como dissemos, contrasta diretamente com o bolsonarismo, principalmente como experiência de governo que, de forma constante, ameaça a democracia liberal como regime político. Em diversas ocasiões, Bolsonaro e os bolsonaristas ameaçaram romper a ordem vigente<sup>12</sup>, desobedecer a decisões judiciais, fechar o Supremo Tribunal Federal, reivindicando

---

<sup>12</sup> Durante o governo Bolsonaro atos antidemocráticos foram incentivados. Após a eleição de 2022, bolsonaristas bloquearam estradas e acamparam em quartéis, pedindo intervenção militar para impedir a diplomação e posse de Lula. Manifestações anteriores, como as de abril de 2020, levaram a processos no STF, vinculados ao inquérito das *fake news* (STF, 2021).

a intervenção das Forças Armadas<sup>13</sup>. Contra essa permanente ameaça, Lula afirma: “No dia 30, as pessoas vão ter que escolher entre o fascismo e a democracia. Entre a desumanidade e a humanidade. Está chegando o dia da gente decidir e precisamos ter clareza que esse cidadão é um destruidor de sonhos e de esperanças” (@LulaOficial, 22/10/2022).

O segundo sentido de democracia defendido, o substantivo, é já conhecido no contexto do discurso lulista. Trata-se da noção de democracia que vai além da defesa das instituições de um regime democrático formal ou poliárquico. Aqui democracia, recuperando a primeira demanda analisada, significa inclusão social. A democracia real, aquela que atinge positivamente o povo, deve prever a sua radicalização, a sua expansão efetiva para todos – expansão não apenas no sentido político, posto que democracia substantiva neste contexto visa emancipar e atender os mais pobres e excluídos. Para Lula:

As pessoas precisam comer, trabalhar, morar, ter acesso à cultura. Ter o direito de viajar, ter o direito de comprar as coisinhas que precisa. É transformar a democracia numa coisa real. Eu estou comendo? Eu estou morando? Eu estou estudando? Eu estou trabalhando? Eu estou passeando? Eu estou tendo acesso à cultura, ao lazer? Então é democracia. É isso que a gente precisa construir no Brasil (Lula, comercial de Internet, 14/10/2022).

Apresentadas as quatro demandas principais do lulismo, resta-nos discorrermos sobre Lula, a liderança desse discurso populista progressista. Lula é amplamente conhecido no Brasil e internacionalmente e não nos cabe aqui discorrermos sobre sua biografia. Nossa intenção é analisar discursivamente pontos específicos que o caracterizam como um sujeito político populista único. Esses pontos são: i) uma trajetória de vida coerente com suas ações e convicções políticas; e ii) Lula é o povo.

A trajetória de vida de Lula não é apenas notória, como também foi recorrentemente mencionada pelo candidato. Esta trajetória – de um retirante nordestino que, ainda criança, vai com sua família “tentar a vida” em São Paulo –, embasa e justifica suas ações e convicções políticas. Assim, retomando as quatro demandas analisadas, Lula luta por inclusão social, pois foi um excluído; quer um governo com todos, pois a sua experiência política, desde sindicalista, é marcada por um perfil conciliador; entende que um governo requer sensibilidade e cuidado, pois sabe que os mais vulneráveis sempre foram mal tratados/ignorados pelos governos das elites; é um democrata, pois a sua vida política iniciou em pleno regime militar e, desde lá, lutou pelo restabelecimento e consolidação da democracia. Lula transforma a sua experiência de vida na razão da sua ação política:

Lula tem compromisso com o povo: ele conhece nossos problemas porque viveu o mesmo. Lula foi a criança pobre que passou fome e se tornou o primeiro presidente a acabar com a fome no Brasil. Lula foi o trabalhador infantil que engraxava sapatos, e se tornou o presidente que criou o Bolsa Família para garantir todas as crianças na escola. Lula foi o menino pobre sem diploma e se tornou o presidente que mais fez universidades na história. Lula foi o jovem que viveu em moradia precária e se tornou o presidente do Minha Casa Minha Vida, para garantir o sagrado direito à moradia às famílias brasileiras. Lula é o povo na presidência. Por isso, o povo é Lula presidente (Lula, HGPE e comercial de TV, 13/09/2022).

---

<sup>13</sup> Em 08 de janeiro de 2023, uma semana após a posse de Lula, bolsonaristas de todo o país se uniram aos acampados no Setor Militar Urbano de Brasília e invadiram, saquearam e depredaram o Congresso, o Palácio do Planalto e o STF (UOL, 2023). Embora frustrada, foi a mais grave ação antidemocrática da Nova República.

Lula não se coloca como um *representante* do povo, o que, obviamente, distingue quem representa e quem é representado. Ele é, como se fosse, o próprio povo no poder. É justamente a sua história de vida que o impele a se indissociar do povo, que o faz ser, no seu discurso, o próprio povo no comando do país. Lula é o povo; é de sua essência ser parte do povo, estar misturado ao povo.

Mais do que Lula se colocar como parte do povo, como um de seus membros – povo entendido primordialmente como os mais pobres e os excluídos –, os mais vulneráveis veem em Lula a sua própria imagem projetada num espelho. A relação do líder com o seu povo é de proximidade, de intimidade, inclusive. Ao “Luiz Inácio da Silva”, seu nome de registro de nascimento, foi inserido o seu apelido, “Lula”, ficando “Luiz Inácio Lula da Silva”. Lula é um político que é simplesmente chamado pelo seu apelido, uma forma de tratamento coloquial e familiar. E mais: quando as pessoas chamam pelo nome de Lula, elas dizem “o Lula”, uma forma de tratamento que pressupõe um sentido de maior proximidade. Os brasileiros mais excluídos veem Lula como aquele que literalmente governa para eles, “como nunca antes na História do Brasil”:

Quero agradecer ao povo brasileiro. As pessoas não me veem como candidato, me veem como um deles. E é que isso me dá orgulho. Eu descobri isso quando um catador de lixo foi ao palácio e disse que não queria falar porque se sentia representado por mim. E isso renasceu na campanha (@LulaOficial, 01/10/2022).

Da *plebs* ao *populus*. No sentido original, democracia é o governo de uma parte (do *demos*, dos pobres), cujo objetivo político é *o todo* (governar para toda a cidade) (Ober, 2008; Cammack, 2019). O populismo democrático, tal como presente no discurso lulista, tem exatamente este sentido. Trata-se de um discurso que prioriza os mais pobres, mas que visa igualmente hegemonizar seus sentidos para o conjunto da população. “Pro povo voltar a ser feliz de novo” (Lula, HGPE, 27/08/2022), a felicidade tem de ser coletiva.

### Considerações

Neste artigo, analisamos o discurso da construção do povo do lulismo, enquanto populismo, na eleição presidencial de 2022. Buscamos entendimento apropriado do conceito de populismo apresentando, inicialmente, uma compreensão ampla dessa concepção. Das abordagens teóricas contemporâneas, a vertente pós-estruturalista nos é a mais cara e, mais especificamente, com base em Laclau (2005<sup>a</sup>; 2005<sup>b</sup>) e Laclau e Mouffe (1985), entendemos o populismo como a construção (discursiva, política e antagônica) de um povo em oposição ao seu(s) inimigo(s).

Metodologicamente, inspirados em Laclau e Mouffe (1985), realizamos análise discursiva em materiais da campanha eleitoral de Lula no pleito de 2022. Com o conjunto de dados transcritos, buscamos o polo antagônico, as demandas e o povo que estruturam o discurso lulista nesse momento, sempre considerando discurso enquanto estrutura simbólica (e não como ação individual).

Assim, exploramos, primeiramente, o polo antagônico que, conforme indicamos, é o ponto de partida da formação de um discurso político. O antagonismo do discurso lulista está constituído no significante *antidemocracia*, identificado em torno de Bolsonaro durante seu mandato e na campanha eleitoral de 2022. A antidemocracia articula dois pontos principais: a divisão da sociedade em dois polos antagônicos e o discurso de ódio e insensibilidade. A divisão da sociedade é apresentada pelo lulismo ao indicar Bolsonaro como aquele que governa apenas para os que pensam como ele e rechaça os demais. Nesse sentido, o pensamento bolsonarista

está alicerçado, segundo o lulismo, em um discurso de extrema direita, de ódio de classe, reacionário, preconceituoso e excludente. Especificamente sobre o discurso de ódio e insensibilidade, o lulismo expôs a defesa bolsonarista de atos de tortura, violência e extermínio de opositores, bem como a negação da gravidade da Covid-19. Esse estado de coisas revela o descaso com a população durante o governo Bolsonaro, o que se manifesta em demanda legítima angariada no discurso lulista. A antidemocracia reúne, assim, esses pontos a serem combatidos.

Na sequência, buscamos demonstrar, conforme o princípio laclauniano, que o discurso lulista resulta da construção de seu povo. E o sentido primordial do povo lulista é, sem dúvida, os mais pobres, os excluídos. A hegemonia do discurso é buscada com base, principalmente, nas demandas *inclusão social, governar “com” todos, sensibilidade e cuidado e democracia*.

O lulismo, conforme os dados, defende as políticas públicas para *minorias* e o combate à fome (inclusão social), cuidando de todos – inclusive dos privilegiados. Também advoga pela harmonia entre as pessoas e por agir politicamente por meio de uma frente ampla (governar com todos). O discurso lulista valoriza a vida, os afetos, os diversos grupos, as políticas que beneficiam a todos – meio ambiente e cultura –, os sistemas públicos – saúde, educação, assistência social (sensibilidade e afeto). O lulismo, por fim, coloca a democracia em dois âmbitos complementares: o respeito às instituições e ao Estado de direito; a materialização das suas próprias promessas (alimentação, trabalho, moradia, educação, cultura, lazer etc.). Ao verificar o significativo antagônico do lulismo, fica claro que as demandas defendidas por esse discurso dão vazão à hegemonia lulista como sinônimo de *democracia*.

Por fim, exploramos a construção do líder desse discurso. A identificação do povo com o seu líder é fundamental no populismo. Nesse quesito, Lula possui história de vida muito similar à da grande parte da população: uma vida humilde e de restrições. Justamente por isso, consegue entender e ser sensível às demandas do povo. Na vida política, Lula é visto como democrata e moderado, buscando sempre soluções harmônicas. Com esses atributos, o povo do lulismo o escolheu para cuidar dele e o fará defendendo a inclusão, governando com todos e para todos, seguindo a lei e buscando sanar as limitações materiais impostas pelas elites. Lula não é mais parte do povo. Lula é o povo e o povo está nele.

### Referências

- BASILIO, A. L. Na Câmara, Weintraub reafirma que há plantação de maconha em universidades. *Carta Capital*, S.l., 11 dez. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/na-camara-weintraub-reafirma-que-ha-plantacao-de-maconha-em-universidades/>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- BRAGA, R. Terra em transe: o fim do lulismo e o retorno da luta de classes. In: SINGER, A.; LOUREIRO, I. (Orgs.). *As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?* São Paulo: Boitempo, 2016. p. 55-92.
- CAMMACK, D. The Demos in Demokratia. *The Classical Quarterly*, S.l., v. 69, n. 1, p. 42-61, 2019.
- CANOVAN, M. *The People*. Cambridge: Polity Press, 2005.
- CANOVAN, M. Trust the People! Populism and the two faces of democracy. *Political Studies*, S.l., v. 47, n. 1, p. 2-16, 1999.
- CANOVAN, M. *Populism*. London: Junction Books, 1981.
- CARTA Capital. Presidente da Fundação Palmares ironiza Dia da Consciência Negra. *Carta Capital*, S.l., 20 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/presidente-da-fundacao-palmares-ironiza-dia-da-consciencia-negra/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

- DATAFOLHA. Pesquisa BR-08297/2022. *GI*, S.I., 2022. Disponível em: <https://especiaisg1.globo/politica/eleicoes/2022/pesquisas-eleitorais/presidente/2-turno/Datafolha/>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- DATAFOLHA. Pesquisa BR-07528/2018. *GI*, S.I., 19 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/19/pesquisa-datafolha-de-18-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-e-religiao.ghtml>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- G1. Ministro do Meio Ambiente defende passar ‘a boiada’ e ‘mudar’ regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. *GI*, S.I., 22 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- GOMES, A. de C. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 31-58, 1996.
- HOWARTH, D.; TORFING, J. (Orgs.). *Discourse Theory in European Politics: identity, policy and governance*. Basingstroke: Palgrave Macmillan, 2005.
- IANNI, O. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- II VIGISAN. *II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert/Rede PENSSAN, 2022.
- INSTITUTO Lula. Como Bolsa Família transformou o país com Lula e Dilma. *Instituto Lula*, 26 nov. 2020. Disponível em: <https://institutolula.org/como-lula-e-dilma-fizeram-do-bolsa-familia-o-programa-que-transformou-o-brasil>. Acesso em: 09 jan. 2023.
- ISMO. *In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2025*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ismo>. Acesso em: 11 maio 2025.
- LACLAU, E. *On populism reason*. London: Verso, 2005a.
- LACLAU, E. Populism: what’s in a name? *In: PANIZZA, F. (Ed.). Populism and the mirror of democracy*. London: Verso, 2005b. p. 32-49.
- LACLAU, E. (Org.). *The making of political identities*. London: Verso: 1994.
- LACLAU, E. *New reflections on the revolutions of our time*. London: Verso, 1990.
- LACLAU, E.; MOUFFE, C. *Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics*. London: Verso, 1985.
- LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. *Como as Democracias Morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- MOUNK, Y. *O Povo Contra a Democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MUDDE, C. The Populist Zeitgeist. *Government and Opposition*, S.I., v. 39, n. 4, p. 541-563, 2004.
- MUDDE, C.; KALTWASSER, C. *Populism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- MÜLLER, J.-W. *What is Populism?* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.
- OBER, J. The original meaning of “democracy”: Capacity to do things, not majority rule. *Constellations*, Oxford/Malden, v. 15, n. 1, p. 3-9, 2007.
- PANIZZA, F. Introduction: populism and the mirror of democracy. *In: PANIZZA, F. (Ed.). Populism and the mirror of democracy*. London: Verso, 2005. p. 1-31.
- PUTTI, A. Em vídeo, secretário da Cultura copia ministro da Propaganda Nazista. *Carta Capital*, S.I., 17 jan. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/em-video-secretario-da-cultura-copia-ministro-da-propaganda-nazista/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

- SINGER, A. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SINGER, A. *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SINGER, A.; LOUREIRO, I. Apresentação - elementos para uma cartografia do desenvolvimento lulista. In: SINGER, A.; LOUREIRO, I. (Orgs.). *As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?* São Paulo: Boitempo, 2016. p. 9-20.
- STF. *Inq: 4828 DF XXXX-49.2020.1.00.0000*. Relator: Alexandre de Moraes, Julgamento: 13.10.2021. Publicação: 15.10.2021.
- TUVUCA, M. Bolsa Família x Auxílio Brasil: como separar programa social do eleitoral. *CNN*, S.l., 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsa-familia-x-auxilio-brasil-como-separar-programa-social-do-eleitoral/>. Acesso em: 09 jan. 2023.
- UOL. Terroristas bolsonaristas invadem e depredam Congresso, Planalto e STF. *UOL*, Rio/Brasília/São Paulo, 08 jan. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/08/bolsonaristas-congresso-policia.htm>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- UOL. Nunca ganharam, dinheiro como no meu mandato, diz Lula sobre banqueiros. *UOL*, S.l., 2016. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/videos/?id=nunca-ganharam-dinheiro-como-no-meu-mandato-diz-lula-sobre-banqueiros-04020D183666C0C15326>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- WEFFORT, F. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- WILES, P. A syndrome, not a doctrine. In: IONESCU, G.; GELLNER, E. (Comps.). *Populism: its meanings and national characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969. p. 166-179.

Recebido em: 12-05-2025  
Modificado em: 19-08-2025  
Aceito em: 07-01-2025

### *Daniel de Mendonça*

Doutor em Ciência Política. Professor Associado na Universidade Federal de Pelotas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Email: [ddmendonca@gmail.com](mailto:ddmendonca@gmail.com)

### *Bianca de Freitas Linhares*

Doutora em Ciência Política (UFRGS). Possui Graduação (bacharelado e licenciatura) em Ciências Sociais e Mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora Associada do Departamento de Sociologia e Política e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCPol) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). Email: [biancaflinhares@gmail.com](mailto:biancaflinhares@gmail.com)